

FANON, Frantz. **Alienação e Liberdade. Escritos Psiquiátricos.** São Paulo. UBU Editora: 2020. 400 pp. ISBN 9788571260504.

Sílvio César Camargo¹

Em um momento histórico em que as questões do colonialismo e do decolonialismo têm grande visibilidade nos debates, em nível global, tanto em âmbito acadêmico como na esfera pública em sentido mais amplo, o lançamento no Brasil de *Alienação e Liberdade – Escritos Psiquiátricos* de Frantz Fanon chega em boa hora. Mais do que isso, trata-se da obra e do pensamento de um intelectual negro, hoje referência obrigatória nos debates sobre a problemática racial e colonial. A novidade deste livro está em uma temática não tão explícita em outras obras conhecidas entre nós de Fanon, pois se trata de um conjunto de textos que abordam a sua trajetória como psiquiatra, trazendo uma considerável contribuição tanto para os pesquisadores em Ciências Humanas como para Ciências da Saúde, em especial para aquelas envolvidas com a saúde mental.

Para a comunidade científica brasileira são já bastante conhecidas e lidas as obras de Fanon *Pela negra, máscaras brancas* (1952/2008) e *Os Condenados da Terra* (1961/2013), não só pelo interesse acadêmico, mas por seu papel na formação de militantes dos movimentos sociais negros. A brochura *Alienação e Liberdade* que acaba de ser lançada no Brasil traz ao público uma coletânea de textos, em sua maior parte escritos entre uma e outra destas duas obras de Fanon, cuja trajetória intelectual e de vida foi curta. Se os leitores brasileiros da obra de Fanon já têm bastante conhecimento de suas ideias políticas e culturais sobre as questões negra e colonial, terão agora a possibilidade de conhecer mais acerca de sua visão da subjetividade humana, da medicina e da prática psiquiátrica.

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Psicanalista em Formação (Escola de Estudos Psicanalíticos).

Cabe inicialmente elogiarmos a edição brasileira com tradução de Sebastião Nascimento e que foi originalmente organizada por Jean Khalfa e Robert J.C. Young. A edição traz ainda um prefácio de Renato Noguera e uma introdução de Jean Khalfa, um dos organizadores do original em francês publicado em 2015. O livro está organizado em quatro partes distintas, com textos de Fanon escritos entre 1951 e 1960. Cada uma das quatro partes, organizadas não de forma cronológica, mas por temáticas, apresenta aspectos distintos do pensamento de Fanon sobre psiquiatria, doença mental, instituições médicas e assim por diante. A primeira parte do livro aborda questões sobre a clínica psiquiátrica; a segunda parte sobre questões sociais que envolvem o sofrimento psíquico; a terceira parte sobre psicopatologia; e a última parte é uma versão de sua tese para a Faculdade de Medicina.

O leitor habituado com o pensamento político emancipatório de Fanon poderá até mesmo se sentir desconfortável com algumas partes do livro, pois a maioria dos textos envolve uma problemática sobre a relação entre neurologia e psiquiatria e a causação do sofrimento psíquico, nomeado por Fanon como doença mental. Os textos são também surpreendentes para os que estão habituados, por exemplo, com a tradição de leitura foucaultiana sobre a loucura. Mas a questão crucial para Fanon, desde o início dos anos 1950 com sua tese de doutoramento, não é a distinção, também bastante conhecida, entre abordagem psiquiátrica e psicanalítica, mas sim entre neurologia e psiquiatria e suas diferenças e imbricamentos.

Esta temática já fica evidente na primeira parte do livro que traz algumas questões teóricas sobre psiquiatria, mas primeiramente práticas e clínicas, decorrentes da atividade de Fanon como neuropsiquiatra. Estes textos foram escritos entre 1953 e 1959, a maior parte deles escritos por Fanon em coautoria com seus colaboradores, como Charles Gernonimi e François Tosquelles. Destaco nesta parte do livro duas questões: primeiro, as características das instituições psiquiátricas em que Fanon atuou, e em segundo lugar, os procedimentos terapêuticos defendidos e postos em prática pelo médico martinicano. As duas dimensões refletem o que entendo ser uma ambiguidade na prática psiquiátrica de Fanon: por um lado, uma forte

dimensão humana na lida intersubjetiva com o outro, dimensionando as causas sociais e culturais do sofrimento psíquico, de outro lado, uma intervenção técnica sobre o corpo do doente, confluindo para uma prática psiquiátrica predominante na década de 1950 em diversos países do mundo.

A prática médica de Fanon, em termos institucionais, incidiu em uma experimentação de “cuidado” incomum ocorrida na Tunísia onde foi criado um "centro-dia de neuropsiquiatria", no qual Fanon atuou por cerca de dois anos. Consistia em os pacientes com sofrimento psíquico passarem o dia, sendo medicados e desenvolvendo atividades socioculturais de convívio, voltando para suas casas no fim da tarde. Na ótica de Fanon isso possibilitava aos enfermos uma não completa alteração de sua vida social. Se este é um aspecto progressista das práticas ocorridas no hospital de Túnis, por outro lado as experimentações medicamentosas correntes eram o eletrochoque, a insulino-terapia e mesmo a terapia do sono, assim como a utilização de sais de lítio. Acerca da terapêutica de Bini, que implica o uso do eletrochoque diz Fanon:

Hoje em dia, após o exame criterioso dos experimentos realizados, tudo leva a crer que o tabu das terapias de choque não impede mais sua aplicação. Não impedir não significa deixar de hesitar, deixar de sopesar os prós e os contras caso a caso (2020, p. 109).

A terapia, ou o que poderíamos chamar de escuta do paciente, se apresentava como um "segundo momento" do tratamento, cujo ponto de partida, conforme as descrições de Fanon, incluía na maior parte dos casos o procedimento medicamentoso.

O segundo conjunto de textos apresenta um foco distinto. Com um olhar mais próximo da Antropologia, Fanon e seus colaboradores discorrem sobre as peculiaridades do sofrimento psíquico das populações do norte da África, em especial dos muçulmanos. Opondo-se às naturalizações biologicistas comuns nos países europeus acerca das supostas singularidades, inclusive de caráter, dos norte-africanos, se destacam aqui peculiaridades culturais e religiosas que incidem sobre a representação da loucura entre alguns povos africanos, especialmente os muçulmanos. Destaque especial atribuo ao modo

como Fanon descreve o olhar diferente que possui o muçulmano magrebino diante da figura social do louco. Aqui enxergo um entendimento completamente distinto daquele da psiquiatria moderna sobre as doenças mentais. Para os magrebinos o indivíduo louco não tem responsabilidade pelos seus atos, atribuídos aos “gênios” que o possuem e onde “*a coletividade jamais adota uma atitude receosa ou agressiva diante do doente. Em princípio, ele não é excluído do grupo*” (FANON, 2020, p. 247). Esta segunda parte do livro que traz pequenos ensaios redigidos entre 1954 e 1956, também traça um bom panorama das instituições psiquiátricas na Argélia neste período, evidenciando que o modelo do enclausuramento em grandes hospitais psiquiátricos, predominante em quase todo o mundo ocidental, também encontrava correspondência nos países colonizados.

Uma bastante breve, mas significativa terceira parte do livro, traz editoriais do jornal interno do Hospital Psiquiátrico Saint-Alban (na França), onde Fanon trabalhou entre 1952 e 1953. Os pequenos textos trazem uma visão engajada de seu autor nos processos de desinstitucionalização e contrária aos grandes confinamentos. Nesta mesma parte do livro há um pequeno texto, de reveladora curiosidade, que são anotações de aula de uma ex-aluna de Fanon chamada Lilia Ben Salem, que reproduz, com base em suas anotações da então estudante, o curso de psicopatologia social no *Institut des Hautes Études* de Túnis entre o final de 1959 e início de 1960. Aqui vê-se mais claramente a relação entre o professor de ciências da saúde e o militante crítico da colonização, onde podemos ler frases como esta:

o louco é aquele que é 'estranho' à sociedade. E a sociedade decide se livrar desse elemento anárquico. O internamento é a rejeição, o alijamento do enfermo. A sociedade exige do psiquiatra que torne o enfermo novamente apto a integrar a sociedade (FANON, 2020, p. 276).

Assim, em algumas anotações de aula, apreendemos mais claramente o ímpeto revolucionário de Fanon.

A quarta parte do livro é menos fácil de ser lida, não necessariamente pela complexidade, mas por suas características. Trata-se da tese de exercício em Medicina que outorgou a Fanon o título de doutor em novembro de 1951. O título geral do trabalho é “Um caso de doença de Friedreich com delírio de

possessão”. Conforme explicações já dadas na Introdução por Jean Khalfa a tese original de Fanon seria *Pele Negra, Máscaras Brancas*, talvez seu mais conhecido livro, que foi recusado como trabalho de tese (FANON, 2020, p. 24), o que nos faz lembrar tantos outros intelectuais do século XX que tiveram seus pensamentos cerceados pelo burocratismo acadêmico. O significativo é que o texto da tese, em sua forma, lembra muito pouco *Pele Negra, Máscaras Brancas*, pois se trata de um trabalho excessivamente formal. A problemática geral é a questão da causalidade neurológica e da causalidade psiquiátrica, simplificada, a pergunta é sobre em que medida doenças neurológicas podem servir de causa para doenças mentais. A tese de Fanon se reporta à possibilidade de uma abordagem neuropsiquiátrica da doença mental, e é em parte como decorrência dela que nos textos cronologicamente posteriores, mencionados acima, que o médico empreende práticas terapêuticas em seu cotidiano hospitalar que serão amplamente criticadas nas décadas seguintes, tanto por vertentes da psiquiatria, da antipsiquiatria e da psicanálise.

O livro *Alienação e Liberdade* merece ser lido por vários motivos, dentre os quais uma melhor compreensão da psiquiatria tanto na França como na África num momento de transformação na psiquiatria mundial; os problemas de saúde coletiva na Tunísia, na Argélia e nos países colonizados nos anos 1950; as correlações que podemos estabelecer com o atual contexto brasileiro; as questões culturais que envolvem o próprio conceito de loucura e suas diferentes apreensões, e talvez o mais importante: a descoberta de uma parte da produção intelectual de um importante pensador inédita em muitos aspectos, revelando o que me parecem ser ambiguidades de uma das mais importantes referências mundiais na luta contra a colonização e a dominação social.

Referências:

FANON, Frantz. **Pele Negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA: 2008.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF: 2013.

FANON, Frantz. **Alienação e Liberdade. Escritos Psiquiátricos**. UBU: 2020.